

# Um olhar sobre o crioulo de Cabo Verde do século XIX através das cartas de A. J. Ribeiro a H. Schuchardt<sup>1</sup>

Nélia Alexandre

Universidade de Lisboa

A. J. Ribeiro, primeiro informante cabo-verdiano de H. Schuchardt, escreve uma peça de teatro em crioulo de Cabo Verde (CCV) - *A mi qué bóde!* ‘Eu sou um valentão!’ - que envia àquele numa das cartas que os dois homens trocaram e que fazem parte do espólio de Hugo Schuchardt Archiv (<https://schuchardt.uni-graz.at>). Neste artigo, esta pequena obra serve de ponto de partida para a discussão de dois aspetos: (i) o facto de o CCV (variedade de Santiago) do final do século XIX manifestar já características que registamos na sincronia atual da língua e (ii) a crença de que o contacto com o Português, mais ou menos visível em função do perfil do informante, sempre caracterizou o CCV.

**Palavras-chave:** Crioulo de Cabo Verde, cartas pessoais, contacto de línguas, diacronia, sincronia.

## 1. Introdução

No fim do século XV, início do século XVI, ter-se-á desenvolvido na ilha de Santiago uma língua que surgiu num contexto de multilinguismo (devido à situação de escravatura da maior parte dos membros da comunidade de fala) e de contacto linguístico entre o Português Médio<sup>2</sup> e Clássico, mas também dialetal, e várias línguas africanas (Castro 2013; Duarte 2003; Jacobs 2010): o

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito do projeto UID/LIN/00214/2019. Agradeço igualmente os comentários da audiência do *IVº Congresso Internacional de Linguística Histórica: Homenagem a Ivo Castro*, no qual este trabalho foi apresentado, e as questões e sugestões dos dois revisores anónimos. No entanto, todos os erros ainda presentes no texto são da minha inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> Segundo Castro (2013: 11), este é o Português do século XV que forma uma norma culta afastada dos dialetos do Norte de Portugal e que já se encontra desprovido dos traços linguísticos que caracterizavam o Português Antigo (*e.g.*, hiatos; ditongação nasal de terminações nasais; ditongação das terminações da 2PL devido à queda do *-d-*; variações de género nos nomes, etc.). No entanto, como as ilhas de Cabo Verde só foram descobertas e povoadas na segunda metade do século XV, poder-se-á considerar que o Português Clássico (século XVI-XVIII) também está na génese da formação do Crioulo de Cabo Verde (efetivamente, a ausência, em CCV, dos ditongos [ow] e [ej] e da consoante sibilante apical [ʃ] parece atestar a influência do Português deste período – cf. a este propósito, Tavares Lopes 2014 e Jacobs & Quint 2016).

crioulo de Cabo Verde (CCV). O contacto linguístico que propiciou a emergência desta língua deu-se em condições radicais, ou seja, num contexto em que diferentes grupos de pessoas falantes de línguas distintas (em particular, dos ramos atlântico e mande da família Níger-congolesa)<sup>3</sup> se viram forçadas a conviver e a comunicar. A língua que resultou nestas circunstâncias é um dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné<sup>4</sup> mais bem descritos desde o século XIX, concretamente em correspondência entre falantes nativos e filólogos, em recolhas de tradição oral e em trabalhos académicos vários (Cardoso, Hagemeyer & Alexandre 2015).

Hugo Schuchardt, a par de Adolfo Coelho, foi um dos primeiros filólogos a interessar-se pelo estudo das línguas crioulas e, por isso, recorria a diversos informantes com os quais se correspondia interpelando-os a propósito dos pormenores linguísticos que lhe escapavam. António Joaquim Ribeiro foi um deles, tendo trocado 7 cartas com H. Schuchardt entre 1881 e 1883 (Alexandre & Lang 2016). Foram a leitura e a transcrição destas cartas que motivaram o trabalho que aqui se apresenta, já que os dados linguísticos fornecidos por A. J. Ribeiro e as suas reflexões e comentários sobre os mesmos não inspiraram apenas H. Schuchardt (ver também Lang 2017).

Este artigo tem, assim, dois objetivos principais. Por um lado, partir da análise de uma peça de teatro escrita em CCV - *A mi qué bóde!* 'Eu sou um valentão!' -, traduzida para Português e comentada por A. J. Ribeiro, em que se observa que o crioulo falado no final do século XIX apresentava já características que identificamos na sincronia atual da língua. Por outro lado, mostrar que o contacto entre o CCV e o Português já era visível nessa época e ponderar os vários os fatores que podem contribuir para a formação de gramáticas distintas.

Deste modo, na secção 2, far-se-á um enquadramento histórico e sociolinguístico sumário do CCV. Na secção 3, apresentar-se-á a correspondência trocada entre Hugo Schuchardt e António Joaquim Ribeiro, seguida da descrição de alguns traços linguísticos do CCV do século XIX (em particular, ao nível dos pronomes pessoais, da marcação de número, do sistema de interrogativos e relativos e dos marcadores subordinativos), na secção 4. Finalmente, na secção 5, discutir-se-ão alguns produtos do contacto linguístico CCV-Português no século XIX, mostrando que a questão da interferência

---

<sup>3</sup> A este propósito, veja-se Lang (2009) e Quint (2008), entre outros.

<sup>4</sup> Considera-se que deste grupo fazem parte, além do CCV, o Crioulo da Guiné-Bissau e o Crioulo de Casamansa. Para argumentos a favor da inclusão do Papiamentu (língua falada nas Antilhas holandesas) neste grupo, veja-se Jacobs (2010).

linguística entre estas duas línguas não é uma questão recente, nem exclusiva da sociedade cabo-verdiana pós-colonial.

## **2. Breve enquadramento histórico e sociolinguístico do crioulo de Cabo Verde (CCV)**

O CCV terá emergido no final do século XV, início do século XVI, na ilha de Santiago, como uma língua resultante do contacto linguístico intenso entre o Português Médio e Clássico, e dialetal, e várias línguas africanas, como referido na introdução. A natureza geográfica de Santiago e o facto de a ilha ter sido durante alguns séculos um importante centro de escravos fizeram com que houvesse condições para tal, dado que o multilinguismo dos escravos que por lá passavam, que ficavam algum tempo a recuperar forças (e, alguns, a aprender Português) e que ficavam definitivamente no território estabeleceu as bases para a (possível) criação de um *pidgin* que serviu de *input* às gerações nascidas nesse contexto.<sup>5</sup>

Efetivamente, Carreira (1982: 397) diz-nos que, em 1582, 80% da população cabo-verdiana era escrava e que o CCV era já a língua dominante. Tal situação não é surpreendente, visto o Português ser pouco representativo à época em Santiago e haver um forte contacto entre povos africanos e europeus. Segundo dados de Seibert (2014: 53 e 59, tabelas 1 e 3, respetivamente), em 1546, a administração portuguesa já continha ‘mestiços’; em meados do séc. XVIII, 30% da população de Cabo Verde era mestiça, chegando aos 70% em 1950. Além disso, “o clima, a insalubridade, a falta de recursos naturais e a distância em relação a Portugal impediram a imigração de brancos em números consideráveis” (Seibert 2014: 45) e justificaram o desenvolvimento rápido do crioulo<sup>6</sup>. Também Albuquerque & Madeira Santos (1991), na *História Geral de Cabo Verde*, salientam que a população portuguesa presente na ilha, sendo pouco numerosa e oscilante, era composta essencialmente por marinheiros e mercadores, quase não havendo mulheres europeias, o que levou a uma “proliferação de mestiços” (idem, pp. 150-153).

---

<sup>5</sup> Sobre esta questão há variadíssimas abordagens, mas indico aqui apenas Aboh & deGraff (2017), Mufwene (2010) e, especificamente sobre cenários de formação de crioulos ao longo de uma ou mais gerações, Veenstra (2008).

<sup>6</sup> Ver igualmente Albuquerque & Madeira Santos (1991: 12-14) sobre as principais crises e períodos de escassez de colheitas em Cabo Verde, desde o século XVI, concretamente, de 1580 a 1948.

Apesar destas circunstâncias naturais e sociais, adversas e peculiares, a questão da educação foi, desde cedo no contexto da colonização portuguesa em África, objeto de grande interesse em Cabo Verde. Na primeira metade do século XIX (especificamente, em 1847), é aberta a primeira escola primária (na ilha de Brava) e no final do séc. XIX já havia 45 escolas primárias em todo o arquipélago (cf. Seibert 2014). Em 1866, é inaugurada a primeira escola secundária, em S. Nicolau, tendo sido transferida para S. Vicente no início do séc. XX. Tal aposta na educação da população local levou à formação precoce, relativamente às outras ex-colónias portuguesas, de uma elite intelectual que tem o poder, através da escolarização e do acesso a maior informação, de começar a escrever e a refletir sobre a realidade em que vive a sociedade da época, contribuindo assim para as fundações de uma identidade cabo-verdiana. No entanto, durante o período do Estado Novo em Portugal (1933-1974), as políticas linguísticas impediam o uso do CCV, o que contribuiu para o reforço da elite intelectual, que na altura funda o movimento *Claridade* (1936), começando a destacar cada vez mais o valor da cultura e língua cabo-verdianas.

Depois da independência do país, em 1975, o Português é adotado como (única) língua oficial, apesar de o CCV ser já na época a língua materna (L1) da maioria da população e o Português ser apenas uma língua segunda<sup>7</sup> (adquirida tipicamente em contexto de sala de aula, depois dos 6 anos de idade). Também a literacia continua a ser um assunto muito importante em Cabo Verde, tal como a subida de 12 pontos percentuais nas taxas de alfabetização entre os censos de 1990 e 2000 atestam (Censo de 2010, INE-CV 2001).

Atualmente, Cabo Verde apresenta uma situação linguística bastante estável que resulta tanto da sua história como das políticas linguísticas do período pós-independência (cf. Alexandre & Gonçalves 2018).

### **3. Hugo Schuchardt e a correspondência com António Joaquim Ribeiro**

Hugo Schuchardt, numa insaciável procura por fontes que suportassem a sua tese de que as línguas eram produtos do contacto entre povos, encetou conversações com António Joaquim Ribeiro e corresponderam-se durante dois

---

<sup>7</sup> Para Leiria (2004: 1), “A LS [língua segunda] é frequentemente a ou uma das línguas oficiais. É indispensável para a participação na vida política e económica do Estado, e é a língua, ou uma das línguas, da escola. Por ser língua do país, disponibiliza geralmente bastante *input* e, por isso, pode ser aprendida sem recurso à escola. Ela tem determinadas características que a distinguem de outras variedades nacionais ou regionais da mesma língua, características essas que se reflectirão no discurso do falante não-nativo.”

anos (entre 15 de fevereiro de 1881 e 7 de janeiro de 1883), através de sete cartas, mas nunca se encontraram pessoalmente. Todas as cartas estão transcritas e fazem parte do espólio do arquivo de H. Schuchardt, propriedade do Instituto de Linguística da Universidade de Graz (Alexandre & Lang 2016). Nelas encontramos adágios, tradução para o CCV da parábola do filho pródigo e uma ‘cena cómica’ escrita originalmente naquela língua por A. J. Ribeiro e traduzida pelo próprio: *Â mí qué bóde!* ‘Eu sou um valentão!’<sup>8</sup>

É graças a estas cartas, em que H. Schuchardt procura obter de A. J. Ribeiro não só alguns dados do CCV como também explicações do falante sobre as opções que toma nos textos que lhe envia, que tomamos conhecimento das características do CCV da época e das percepções de A. J. Ribeiro sobre a língua através dos textos e comentários aos mesmos.<sup>9</sup>

Este reduzido espólio parece constituir-se como um dos primeiros documentos em que o CCV é registado pois, segundo A. J. Ribeiro, à data não havia nada escrito na língua:<sup>10</sup>

infelizmente não posso servil-o como desejava, porque nada ha impresso n'esta lingua; eu escrevi n'ella uma scena-comica, mas com muita difficuldade, por não ter uma grammatica por onde guiar-me e ser talvez o primeiro que passou aquella lingua ao papel (...)

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016: 01-09521)

Relativamente ao perfil linguístico do informante A. J. Ribeiro, sabemos pelas informações expressas na última carta (7/1/1883, [07-09527]) que ele vivia há mais de 20 anos na cidade da Praia (Santiago) e que tinha ido para lá viver em criança<sup>11</sup>:

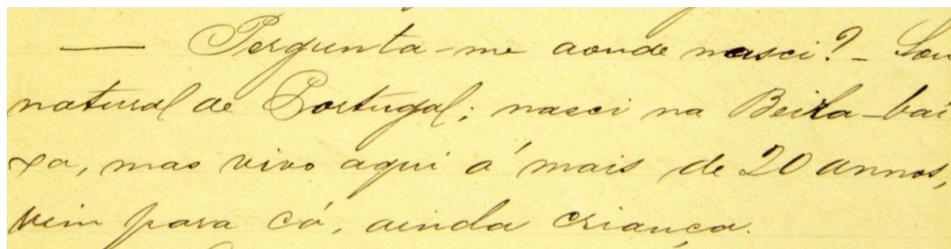
---

<sup>8</sup> Esta pequena peça de teatro foi publicada por Schuchardt em (1888: 313/314), mas é aqui reproduzida no Anexo I, em versão fac-símile a partir da leitura do texto original de A. J. Ribeiro por mim e J. Lang.

<sup>9</sup> Lang (2017: 1) propõe igualmente que “Ribeiro parece ter tido um excelente domínio do crioulo de Santiago e que, por isso, devemos interpretar eventuais discrepâncias entre o que escreveu e o que agora sabemos sobre a variedade de Santiago como indicações de mudança linguística e não como erros.”

<sup>10</sup> Note-se que só a partir de 1880 começam a aparecer testemunhos do CCV através da publicação de Adolfo Coelho (1880-1886) sobre “Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América”, no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

<sup>11</sup> Para mais pormenores sobre a vida deste consultor de H. Schuchardt, veja-se Lang (2017).

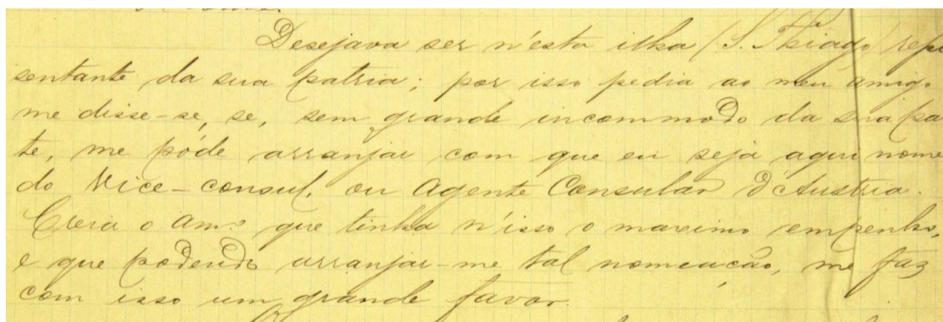


— Pergunta-me aonde nasci? - Sou natural de Portugal; nasci na Beira-baixa, mas vivo aqui á mais de 20 annos; vim para cá, ainda criança.

Pergunta-me aonde nasci?- Sou natural de Portugal; nasci na Beira-baixa, mas vivo aqui á mais de 20 annos; vim para cá, ainda criança.

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016:07-09527)

Contudo, os pedidos de ‘favores’ de A. J. Ribeiro a H. Schuchardt (e.g., ser ‘Sócio Honorário da Sociedade Anthropologica de Graz’ e a sua insistência em se tornar Vice-cônsul ou Agente consular de Áustria em Cabo Verde - a partir da 4ª carta) terão levado à interrupção da correspondência entre os dois homens (Lang 2017).



Desejava ser n'esta ilha (S. Thiago) representante da sua patria; por isso pedia ao meu amigo me disse-se, se, sem grande incommodo da sua parte, me pôde arranjar com que eu seja aqui nomeado Vice-consul, ou Agente Consular d'Austria. Creia o am.o que tinha n'isso o maximo empenho, e que podendo arranjar-me tal nomeação, me faz com isso um grande favor.

Desejava ser n'esta ilha (S. Thiago) representante da sua patria; por isso pedia ao meu amigo me disse-se [sic], se, sem grande incommodo da sua parte, me pôde arranjar com que eu seja aqui nomeado Vice-consul, ou Agente Consular d'Austria. Creia o am.o que tinha n'isso o maximo empenho, e que podendo arranjar-me tal nomeação, me faz com isso um grande favor.

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016: 04-09524)

#### 4. O CCV do século XIX

Na primeira carta que A. J. Ribeiro envia a H. Schuchardt, a 15 de fevereiro de 1881, ficamos a saber da existência de um texto em crioulo da autoria do cabo-verdiano:

Querendo, posso tambem mandar-lhe uma copia da minha scena-comica, cujo unico merecimento é o de ser escripta numa lingua que se [2] não escreve.

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016: 01-09521)

Na segunda carta, de 28 de fevereiro de 1882, o autor envia a Schuchardt o texto, com respetiva tradução feita pelo próprio, chamando a atenção de H. Schuchardt, na nota 1 (cf. Anexo I), para o facto de esta corresponder mais a uma glosa do que a tradução livre:

“Incluo a scena-comica, cujo unico merecimento, como já tive a honra de lhe dizer, consiste em ser escripta n'uma lingua que, ainda, que eu o saiba, não foi passada ao papel.” A scena-comica vai n'uma cinta, em separado. (...)

(1) “A traducção é mais ao pé da letra possivel, para facilitar-lhe a leitura, e por isso, “mau portuguez”.”

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016: 02-09522)

É a partir deste texto que tomamos conhecimento do formato da gramática do CCV no final do século XIX, especificamente quanto ao uso dos pronomes pessoais de sujeito; de complemento; da marcação de número e dos introdutores de frases subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais; coordenadas e interrogativas.

Os pronomes pessoais de sujeito e de complemento, ilustrados em (1)-(9) abaixo, correspondem, independentemente da sua ortografia,<sup>12</sup> aos que ocorrem na sincronia atual do CCV, como o quadro 1 apresenta.

---

<sup>12</sup> Até às discussões sobre a ortografia do CCV, respetivas propostas e oficialização, em 2009 (DL n° 8/2009), a escrita do crioulo mimetizava a do português. A bem da verdade, ainda hoje a maior parte dos falantes de CCV, que desconhece as normas ortográficas da língua por não haver escolarização nela, representa graficamente a língua com adaptações da ortografia portuguesa:

(i) *trabadjo quiné bom lebe pa ques sampadudos de nore a sul só feste festa depos es bem tchora na pe de governo.* (A *Semana online*, Lita, 1/2/2019, [https://www.asemana.publ.cv/?Arranca-a-Banderona-com-participacao-de-entre-35-a-40-artistas-e-grupos&ak=1#ancre\\_comm](https://www.asemana.publ.cv/?Arranca-a-Banderona-com-participacao-de-entre-35-a-40-artistas-e-grupos&ak=1#ancre_comm))

Quadro 1: Pronomes pessoais do CCV no século XIX e no XXI

Pronomes pessoais (sujeito e complemento)	séc. XIX	Séc. XXI (adaptado de Alexandre 2012: 34)
1sg	a mi//mi/'n(en/un/ûn) m(n)/mí	ami/mi/N -m/mi
2sg	-- (bó)	abo/bo/bu bu/-u
3sg	nhô el/ê l	anhu/nhu(a) ael/el/e el/l
1pl	--	anos/nos/nu nos/nu
2pl	nhôs nhos	anhos/nhos nhos
3pl	ês s	aes/es es/s

A propósito da grafia do pronome pessoal de sujeito de 1ª pessoa do singular, A. J. Ribeiro chama a atenção para o facto de, devido a questões de pronúncia, ele se dever escrever *n* e não *en* ou *un*, tal como tinha feito anteriormente:

aonde eu tinha escripto *en* ou *un ta sêrba*, se deve antes escrever como agora fiz '*n ta serba*, visto que o *en*, é todo nazal, e se pronuncia com a boca fechada.

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016: 03-09523)

A. J. Ribeiro também esclarece quanto ao uso da segunda pessoa do singular em CCV, porque, segundo ele, a forma do pronome pessoal da segunda pessoa informal - *bo* 'tu' - contrai com a palavra anterior (mas não a forma formal - *nho* 'senhor/você'):

Os pretos dizem indistintamente mâ e mó: mas usam mais o mó no tratamento intimo de tu; ex: ma nho pássâ? como passa: - mó bo pássâ?, como pássas. - O nho é senhor; o bó - é tu.

(edição diplomática, Alexandre & Lang 2016, *id.*)

No texto de A. J. Ribeiro, identificamos os seguintes exemplos de pronomes pessoais de sujeito (1-5) e de complemento (6-9), que não são substancialmente diferentes dos contemporâneos (cf. quadro 1 acima):

Pronomes pessoais de sujeito (1ps)

- (1) a. *a mi jham móre!*  
1sg já-1sg morrer.PFV  
'Estou morto!'<sup>13</sup>
- b. *un ben da lí na triato!*  
1sg vir.PFV dar PROX em teatro  
'vim ter ao teatro!'
- c. *Bóde, é só mi qui choma;*  
valentão ser só 1sg que chamar  
'Valente, só eu o sou!'

Pronomes pessoais de sujeito (2ps)

- (2) a. *Câ nhô dajhe na mí!*  
NEG senhor(2ps) bater em 1sg  
'[senhor=você] não me bata!'

Pronomes pessoais de sujeito (3ps)

- (3) a. *flado m'el qué dono'l traito,*  
falar.PASS que-3sg que dono-POSS teatro  
'dizem ser elle o dono do theatro,'
- b. *ê tenêba dôr na pontáda cupetaêra,*  
3sg ter.PST dor em pontada catarro  
'[a minha mulher/ela] tinha uma pelada, e uma catharreira,'

---

<sup>13</sup> As traduções dos exemplos extraídos da peça *A mi qué bóde!* são todos da autoria do próprio A. J. Ribeiro.

Pronomes pessoais de sujeito (2pl)

- (4) *Nhôs c'ojham nho Xaxo li?*  
2pl NEG-ver-1sg senhor Alexandre PROX  
'Não me viram por aqui Dr. Alexandre?'

Pronomes pessoais de sujeito (3pl)

- (5) *Ês ca tâ cudi;*  
3pl NEG IPFV acudir  
'Não respondem;'

Pronomes pessoais de complemento (1ps)

- (6) *un tâ jhobe se jha sobexam algun*  
1sg IPFV ver se já sobejar-1sg algum  
'vou ver, se me sobejar algum...'

Pronomes pessoais de complemento (3ps)

- (7) *un tâ flal pê dexan ojha,*  
1sg IPFV falar-3sg para-3sg deixar-1sg ver  
'peço-lhe para me deixar ver,'

Pronomes pessoais de complemento (2pl)

- (8) *sen fla nhos punde quim mora,*  
sem falar 2pl para-onde que-1sg morar  
'sem lhes dizer onde móro,'

Pronomes pessoais de complemento (3pl)

- (9) *pan tenedez caballo,*  
para-1sg segurar-3pl cavalo  
'para lhes segurar os cavallos'

No que diz respeito à marcação de número, os dados da peça teatral de A. J. Ribeiro mostram-nos que este processo é idêntico ao que se verifica hoje: se o nome for precedido de um numeral de leitura plural, ocorre no singular (10); se o nome for nu, *i.e.*, sem determinante realizado, aparece com marcação explícita de plural quando é [+humano] e sem essa marcação quando é [-humano] (cf. (12) e (13), respetivamente). No entanto, nos dados do séc. XIX encontramos um padrão de comportamento distinto do atual que consiste em o nome exibir marcas de plural, independentemente da sua natureza [+/-humano], e o demonstrativo ou artigo indefinido surgir no singular (cf. (11a.) e (11b), respetivamente), como o quadro 2 sintetiza.

**Quadro 2: Marcação de número em CCV no séc. XIX e no XXI**

Marcação de número	séc. XIX	séc. XXI (Baptista 2002: 24-42)
Numeral + N[sg]	+	+
DET[sg] + N[pl]	+	-
Q[DET] N[+hum, pl]	+	+
Q[DET] N[-hum, sg]	+	+

- Numeral + N[sg]
- (10) a. *pan cumprál quatro lôro linha 'l renda*  
 para-1sg comprar-3sg quatro novelo linha-POSS renda  
 ‘para lhe comprar 4 novelos de linha’
- b. *déres d’alfinete,*  
 dez-réis de alfinete  
 ‘10 réis d’alfinetez’
- DET[sg] + N[pl]
- (11) a. *un ta roga quel nháras*  
 1sg IPFV rogar DEM.sg senhoras  
 ‘vou rogar aquelas senhoras’

- b. *ûn dado un dinheiros p'ûn pôcos di recomenda*  
 1sg dar.PASS DET dinheiros para-DET poucos de recomenda  
 ‘deram-me uns dinheiros para comprar umas encomendas’  
 ☐ [DET] + N[+hum, pl]

- (12) *cusa qui brancos ta fassê li.*  
 coisa que brancos IPFV fazer PROX  
 ‘o que os brancos aqui fazem.’

☐ [DET] + N[-hum, sg]

- (13) *fican racomenda chon den cumpra!*  
 ficar-1sg recomenda chão de-1sg comprar  
 ‘tenho muitaz encomendaz a comprar!’

Retomando o caso da marcação de número plural no nome em dissonância com o determinante (cf. (11) acima), salienta-se que Baptista (2002) afirma ser este um caso raro de concordância nominal entre o nome e o elemento que o precede em CCV contemporâneo e só ser possível quando esse elemento é (i) um quantificador (14a) ou (ii) um determinante possessivo (14b), especialmente se o nome for [animado]:

- (14) a. *Ka ten otru meus mas di vive.*  
 NEG ter.IPFV outro meios mais de viver  
 ‘Não há outros meios de sobrevivência.’
- b. *Nha grandis ki labanta...*  
 POSS grandes que levantar.PFV  
 ‘Os meus filhos que se levantaram.’

(ambas as frases adaptadas de Baptista 2002: 37-38)

A peça *A mi qué bóde!* ‘Eu sou um valentão!’ é igualmente uma boa fonte de exemplificação dos contextos de usos de alguns dos marcadores de frases<sup>14</sup> do CCV do final do século XIX, tal como o quadro 3 mostra e os exemplos (15)-(28) esclarecem.

**Quadro 3: Marcadores frásicos em CCV do séc. XIX e XXI**

Marcadores de Fs	séc. XIX	séc. XXI (Brüser & Santos 2002)
Subordinadas adverbiais	si/se	si
	pa	pa
	pa bia/por qui	pabia/purki/pamodi
	poris	pur isu
	sen	sen
	tó qui	ti óra ki
Subordinadas completivas	ma	ma
	di	di
Subordinadas relativas	qui	ki
Coordenadas	e	y
	mas	mas
	nem	nen
	pôs	pos
Interrogativas	mâ	modi (mó)
	cussé	kusé
	punde	(p)undi
	quem	ken/kenha ki

Interrogativa indireta e subordinada condicional: SI/SE

- (15) a. *en câ sabe si nhoris ‘staba li*  
 1sg NEG saber se senhores estar.PST PROX  
 ‘não sabia se os senhores aqui estavam’

<sup>14</sup> Conceito genérico usado aqui para designar introdutores de frases subordinadas e coordenadas e marcadores de interrogativas.

- b. *un tâ jhobe se jha sobexam algun*  
 1sg IPFV ver se já sobejar-1sg algum  
 ‘vou ver, se me sobejar algum...’

Subordinada final: PA

- (16) *ûn ta cúmprâ vilgete pan canba,*  
 1sg IPFV comprar bilhete para-1sg entrar  
*pan spia.*  
 para-1sg ver  
 ‘compro um bilhete, entro e vejo’

Subordinada causal: PA BIA/POR QUI/PORIS

- (17) a. *pa bia de plicia que sta la si*  
 por via de polícia que estar DIST assim  
 ‘por cauza da policia que ali está’
- b. *por qui flado m’el qué*  
 porque falar.PASS que-3sg que-ser  
*dono’l traito,*  
 dono.POSS teatro  
 ‘por que dizem ser elle o dono do theatro,’
- c. *en câ sabe si nhoris ‘staba li,*  
 1sg NEG saber se senhores estar.PST PROX  
*poris, quin ca flaba nhos mantenha*  
 por-isso que-1sg NEG falar.PST 2pl mantenha  
 ‘não sabia se os senhores aqui estavam, por isso os não cumprimentei’

Subordinada exclusiva: SEN

- (18) *sen sabê c'ó quin tén li*  
 sem saber que-coisa que-1sg ter PROX  
 ‘sem saber quando voltar’

Subordinada temporal: TÓ QUI

- (19) *moças fajhado tó qui nhór Dês fla, jha bem!*  
 moças bom até-hora que senhor Deus falar.PFV já bem  
 Lit.: ‘raparigas boas até Deus dizer já basta.’  
 ‘as melhozez moças que Deus deitou ao mundo!’

Subordinada completiva: MA<sup>15</sup>

- (20) *ta parcê ma qui jhan furta,*  
 IPFV parecer que que já-1sg furtar  
 ‘parece que roubei’

Relativa restritiva/clivada: QUI

- (21) a. *nha ásno quem pô na quintalona di*  
 POSS asno que-1sg pôr em quintal de  
*sarâdor,*  
 serrador  
 ‘o meu burro que deixei no quintal do serrador’

<sup>15</sup> Sobre a origem do conector *ma* ‘que’, veja-se Lang (2009, 2015). Para uma descrição sincrónica da sua função e usos no CCV, variedade de Santiago, recomenda-se Lang (2014). Alexandre (2012), baseada em dados elicitados, e Semedo, Coan & Quint (2017), suportados por um *corpus* de narrativas orais espontâneas, também descrevem o comportamento deste e doutros marcadores frásicos elencados no quadro 3. Se interessar a possível correspondência entre *ma* e *kuma*, do crioulo da Guiné-Bissau, veja-se Kihm (1990) e Lang (2015).

- b. *é câ lí qué cássa di sarador?*  
 ser NEG PROX que-ser casa de serrador  
 ‘não é aqui a casa do serrador?’

Coordenada aditiva: E e NEM

- (22) a. *ta parcê ma qui jhan furta, e quel*  
 IPFV parecer que que já-1sg furta e DEM  
*ca pôde ser;*  
 NEG poder ser  
 ‘parece que roubei, e isso não é bonito’

- b. *ómi ês nem na grexa!*  
 homem 3pl nem em igreja  
 ‘homem, isto nem na igreja!’

Coordenada adversativa: MAS

- (23) *Mas... un c'al bai, sen fla nhos*  
 mas 1sg NEG-ASP ir sem falar 2pl  
 ‘Mas... não me vou sem lhes dizer’

Coordenada conclusiva: PÔS

- (24) *Pôs nhos dexa star; sevito que nhoz óme é mufino*  
 pois 2pl deixar estar — que senhores homem ser mau  
 ‘Pois deixem estar; visto que os Sr.s homens são maus’

Interrogativa: MÂ

- (25) *mâ sioris ta passa?*  
 modo senhores IPFV passar  
 ‘Como teem [os senhores] passado?’

Interrogativa: CUSSÉ

- (26) *ês li un ca lenbra pâ cussé!*  
 DEM-PROX 1sg NEG lembrar para coisa-ser  
 ‘este não me lembra para que é!’

Interrogativa: PUNDE QUI

- (27) *sen fla nhos punde quim mora,*  
 sem falar 2pl para-onde que-1sg morar  
 ‘sem lhes dizer onde móro,’

Interrogativa: QUEM

- (28) *pan sabe mó quem ta flâ di cusa qui*  
 para-1sg saber modo quem IPFV falar de coisa que  
*brancos ta fassê li.*  
 brancos IPFV fazer PROX  
 ‘para depois contar, quando fôr pa fóra, o que os brancos aqui fazem.’

Os marcadores presentes nos enunciados (15)-(28) mostram que a diferença entre eles e os atuais é, essencialmente, de natureza ortográfica (concretamente em *cussé*>*kusé*; *por qui*>*purki*; *qui*>*ki* e *tó qui*> *ti óra ki*), porque o funcionamento destes marcadores de frases (subordinadas, coordenadas ou matrizes) é o mesmo que encontramos no CCV do século XXI.<sup>16</sup> Ou seja, todos eles parecem ter raízes em elementos com funções equivalentes em português, corroborando a visão de Quint (2008), segundo o qual 95% do léxico do CCV é de origem portuguesa e não há preposições, conjunções e pronomes de origem africana.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Para uma abordagem destes marcadores como elementos funcionais com um conjunto de traços formais associados que vão ‘cunhar’ os enunciados da língua, veja-se Alexandre (2010).

<sup>17</sup> Apesar de menos evidente a relação entre *ma* em frases como (20) no texto e o marcador português *que*, que introduz frases subordinadas completivas nos mesmos contextos em que *ma* ocorre, *ma* terá derivado de *kuma*<*coma*, que em português antigo desempenhava a mesma função (cf. Lang 2015), e, tal como *que*, introduz enunciados afirmativos (cf. Lang 2014).

Deste modo, podemos afirmar que *si/se* ‘se’ introduz frases encaixadas com valor condicional; *pa* ‘para’ marca enunciados dependentes com leitura de finalidade;<sup>18</sup> *pa bia/por qui/poris* ‘porque’, *sen* ‘sem’ e *tó qui* ‘quando’ anunciam, respetivamente, orações subordinadas com interpretação de causalidade, de exclusão e de tempo. *Ma* ‘que’ e *qui* ‘que’, subordinadores de complementos verbais e de construções-Q, parecem ser os marcadores mais frequentes (tal como no CCV contemporâneo), dado *ma* ser introdutor de completivas finitas de verbos declarativos, epistémicos, perceptivos e de elevação (20 acima) e *qui* ocorrer tanto em relativas, como em clivadas e interrogativas. Quanto aos marcadores de coordenação (*e* ‘e’, *nen* ‘nem’, *mas* ‘mas’ e *pôs* ‘pois’), eles apresentam os valores semânticos de adição, contraste e conclusão. Finalmente, os marcadores de interrogação *mâ* ‘como’, *cussé* ‘quê’, *punde qui* ‘onde’ e *quem* ‘quem’ mostram comportamento similar ao dos da atualidade, salientando-se apenas que eles já podem coocorrer com *qui* ‘que’,<sup>19</sup> como em (27).

## 5. Produtos do contacto linguístico CCV-Português

Se, no final do século XIX, o CCV já estava estabilizado e enraizado na comunidade de fala de Cabo Verde (cf. Carreira 1982; Duarte 2003; Lopes 2011), e assumindo que não houve nunca uma rutura efetiva entre CCV e Português, poder-se-á considerar que havia já na altura um grupo de sujeitos falantes bilingues nestas duas línguas que, tendo sido escolarizados em Português, mas usando o CCV nas interações comunicativas diárias, terão operado várias inovações quer nesta, quer naquela.

---

<sup>18</sup> Note-se, contudo, que *pa* funciona também como conjunção subordinativa completiva de verbos declarativos:

(i) *Bu fla-m pa-N ben obi bo múzika nobu.*  
 2sg falar-1sg para-1sg vir ouvir POSS.2sg música novo

‘Disseste-me para vir ouvir a tua música nova.’ (adaptado de Alexandre 2010: 118)

<sup>19</sup> Segundo Alexandre (2012), a coocorrência de elementos-Q e *ki* ‘que’ em CCV contemporâneo é obrigatória, como a atesta a agramaticalidade de (i) se *ki* não for usado:

(i) *Ken/Kenha \*(ki) txiga?*  
 quem que chegar(PFV)  
 ‘Quem (é que) chegou?’ (adaptado de Alexandre 2012: 40)

Efetivamente, a análise do texto *Ami qué bóde!* revela-nos um falante cuja gramática do CCV tem influências do Português.<sup>20</sup> Note-se que A. J. Ribeiro é um falante bilingue, culto, com (excelente) domínio da língua portuguesa e detentor de uma posição social provavelmente alta na sociedade cabo-verdiana da altura (*e.g.*, sabe-se que viaja com frequência a Lisboa para tratar de negócios - cf. Lang 2017: 2). Tal perfil sociolinguístico permite-nos compreender porque é que A. J. Ribeiro usa formas em CCV que, na sincronia atual da língua, não se encontram registadas (como as de (29-31)).

Uma vez mais, no texto aqui em análise, é ao nível dos elementos funcionais da língua que encontramos mais evidências da influência do Português no CCV, nomeadamente, através de processos de inovação lexical, como no uso do marcador causal *sevito que* ‘visto que’, em (29) ou no uso do pronome pessoal *ellis* ‘eles’ (30) em vez de *es* (cf. (5) e (9) acima).

Subordinada causal: SEVITO QUE

(29) *Pôs nhos dexa star; sevito que nhoz óme*  
 pois 2pl deixar estar se-visto que senhores homem  
*é mufino*  
 ser mau

‘Pois deixem estar; visto que os Sr.s homens são maus’

Pronomes pessoais: ELLIS => *es*

(30) *pâ dexam canba junto cu ellis,*  
 para deixar-1sg entrar junto com 3pl

‘para me deixarem entrar com elas’

---

<sup>20</sup> Muito provavelmente, o Português falado por A. J. Ribeiro também tem influências do CCV, contudo, esse assunto não foi aqui explorado. No entanto, Lang (2017), analisando outros textos de A. J. Ribeiro e respetivas traduções e comentários feitos pelo cabo-verdiano, questiona esta influência biunívoca entre as duas línguas:

até que ponto Ribeiro, em vez de escrever um crioulo aportuguesado, escreve um português acrioulado. Traduz *ma nho pásâ* por *como passa?*, querendo certamente significar ‘como passou’ ou ‘como tem passado?’, e *mó bo pássâ?* por *como pássas?*, querendo dizer ‘como passaste, como tens passado?’ (Lang, 2017: 9)

Também ao nível gramatical A. J. Ribeiro mostra instabilidade na seleção de complementadores, usando em simultâneo *ma* e *qui* (ambos ‘que’) como introdutores de frases completivas (31):

- Subordinada completiva: MA + QUI
- (31) *ta parcê ma qui jhan furta,*  
 IPFV parecer que que já-1sg furtar  
 ‘parece que roubei’

Em CCV contemporâneo, *ma* e *ki* podem ocorrer numa mesma frase, como em (32), no entanto, são orações distintas (em contexto de coordenação).

- (32) *E fla ma e mesteba ba Praia y ki*  
 3sg dizer(PFV) que 3sg precisar(PST) ir Praia e que  
*e ta saiba sais ora di madrugada.*  
 3sg IPFV sair(PST) seis hora de madrugada  
 ‘Ele/Ela disse que precisava de ir à Praia e que saía às seis da manhã.’

(adaptado de Bruser & Santos 2002: 327, *apud* Alexandre 2012: 65)

De facto, em (31), *ma* e *ki* estão a competir para a mesma posição, o que, segundo Alexandre (2012), é impossível na sincronia atual do CCV, em que *ki* é um marcador frásico de complementos nominais ou adjetivais finitos (33), ou seja, é selecionado por elementos lexicais [+N], e *ma* é um introdutor de frases completivas finitas de verbos declarativos (como *fla* ‘dizer’), epistémicos (*e.g.*, *atxa* ‘julgar’), percetivos (*odja* ‘ver’) e de elevação (*parse* ‘parecer’), como em (34). Ou seja, ao contrário de *ki*, *ma* é selecionado por elementos [+V].

- (33) *E verdadi ki tudu povu ten si kultura.*  
 ser(IPFV) verdade que todo povo ter(IPFV) POSS cultura  
 ‘É verdade que todo o povo tem a sua cultura’.

(adaptado de Silva 2005: 332, *apud* Alexandre, 2012: 63)

- (34) a. *Djon odja ma Maria kunpra sukrinha.*  
Djon ver(PFV) que Maria comprar(PFV) doce  
'O João viu que a Maria comprou doces.'
- b. *Ta parse-m ma bu sta mariadu.*  
IPFV parecer-1sg que 2sg estar mal  
'Parece-me que estás aborrecido.'

(ambos adaptados de Alexandre 2012: 64)

Considerando o que se sabe sobre o autor da peça aqui em análise, os enunciados (29-31) podem ser tomados, então, como produtos de variáveis extralinguísticas, nomeadamente sociais, como 'grau de instrução/escolarização' e 'estatuto social', que vários autores destacam como "factores muito relevantes para a variação linguística de um modo geral" (Lopes 2011: 415).

## 6. Comentários finais

Um dos primeiros textos escritos em CCV de que há registo e respetiva tradução - *A mi qué bóde!* 'Eu sou um valentão!' - traz à luz algumas informações relevantes sobre o CCV da segunda metade do séc. XIX que podem ser confrontadas com as de hoje.

Através deste texto, observa-se que não se encontram no CCV de 1881 características linguísticas significativamente distintas das atuais relativamente à distribuição dos pronomes pessoais, marcação de número e marcadores frásicos. Contudo, e subscrevendo as palavras de Lang (2017), os textos que A. J. Ribeiro enviou a H. Schuchardt na década de 80 do século XIX podem ser explorados a vários níveis para se retirar deles um conhecimento mais esclarecido sobre a diacronia do CCV (de Santiago).

Verifica-se, de igual modo, que já no final do século XIX a influência entre línguas que sempre viveram em contacto estreito (em concreto, o CCV e o Português) era uma realidade e que fatores socioeconómicos, como o 'estatuto social' e o 'grau de instrução/escolarização' (portanto, de acesso ao Português em contexto formal e a input de qualidade), eram, tal como ainda são, variáveis

que tinham impacto nos produtos linguísticos resultantes do contacto e que podem contribuir para a formação de gramáticas distintas.

### Abreviaturas

**ASP**=aspeto; **DEM**=demonstrativo; **DET**=determinante; **DIST**=distal; **IPFV**=imperfectivo; **NEG**=negação; **PASS**=passivo; **PFV**=perfectivo; **PL**=plural; **POSS**=possessivo; **PROX**=proximidade; **PST**=passado; **SG**=singular

### Referências

- Aboh, Enoch & Michel deGraff. 2017. A null theory of creole formation based on Universal Grammar. In Ian Roberts (ed.), *The Oxford Handbook of Universal Grammar*, 401-458. Oxford: Oxford University Press.
- Albuquerque, Luís & Maria Emília Madeira Santos (coord.). 1991. *História Geral de Cabo Verde*. vol. I. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical & Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde.
- Alexandre, Nélia. 2010. Uma análise de CP não expandido para o sistema de complementadores do Crioulo de Cabo Verde. In A. Brito, F. Silva, J. Veloso & A. Fiéis (eds.), *Textos Seleccionados do XXV ENAPL 2009*, 111-126. Lisboa: APL.
- Alexandre, Nélia. 2012. *The Defective Copy Theory of Movement: Evidence from Wh-Constructions in Cape Verdean Creole*. Amsterdam: John Benjamins.
- Alexandre, Nélia & Gonçalves, Rita. 2018. Language contact and variation in Cape Verde and São Tomé and Príncipe. In Laura Álvarez, Perpétua Gonçalves & Juanito Avelar (eds.), *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*, 237-265. Amsterdam: John Benjamins.
- Alexandre, Nélia & Jürgen Lang. 2016. Die Korrespondenz zwischen António J. Ribeiro und Hugo Schuchardt [A correspondência entre o cabo-verdiano António Joaquim Ribeiro e Hugo Schuchardt]. In Bernhard Hurch (ed.) (2007-), *Hugo Schuchardt Archiv*, <http://schuchardt.uni-graz.at/korrespondenz/briefe/korrespondenzpartner/alle/1014/briefe/jahr/alle>. (20 April, 2019.)
- Baptista, Marlyse. 2002. *The Syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento Varieties*. Amsterdam: John Benjamins.
- Becker, Angelika & Tonjes Veenstra. 2003. The survival of inflectional morphology in French-related Creoles: The role of SLA processes. *SSLA* 25. 283-306.
- Brüser, Martina & André R. Santos. 2002. *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, Jürgen Lang (Dir.). Tübingen: Gunter Narr.
- Cardoso, Hugo, Tjerk Hagemeijer & Nélia Alexandre. 2015. Crioulos de base lexical portuguesa. In Maria Iliescu & Eugeen Roegiest (eds.), *Manuel des Anthologies, Corpus et Textes Romans*, 670-692. Dordrech: de Gruyter.
- Carreira, António. 1982. *O Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão*. Lisboa: Gráfica EUROPAM.

- Castro, Ivo. 2013. Formação da língua portuguesa. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (orgs.). *Gramática do Português*, vol. I, 7-14. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coelho, Francisco Adolfo. 1880-1886. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In Jorge Morais-Barbosa (ed.), *Estudos Linguísticos – Crioulos*, 1-234. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa [1967].
- Decreto-Lei nº 8/2009. Alfabeto Cabo-verdiano. *Boletim Oficial - I Série*, 11, 16 Março, 74-76.
- Duarte, Dulce. 2003. *Bilinguismo ou Diglossia?*, 2ª ed. São Vicente: Spleen.
- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. 2010. *Recenseamento Geral da População e Habitação 2010 - Educação*. Praia: INE-CV.
- Jacobs, Bart. 2010. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25(2). 289-343.
- Jacobs, Bart. 2011. The origin and originality of passivization in Papiamentu. *Journal of Portuguese Linguistics* 10(2). 31-56.
- Kihm, Alain. 1990. Complementizer, verb, or both? Kriyol KUMA. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5(1). 53-70.
- Lang, Jürgen. 2009. *Les Langues des Autres dans la Créolisation. Théorie et Exemplification par le Créole d'Empreinte Wolof à l'Île de Santiago du Cap Vert*. Tübingen: Narr.
- Lang, Jürgen. 2014. A conjunção *ma* [mæ] do crioulo de Santiago (Cabo Verde): Descrição sincrónica. *Desafios* 2. 121-135.
- Lang, Jürgen. 2015. Os complementizer derivados do português antigo *coma* ‘como’ nos crioulos portugueses da Alta Guiné. *PAPIA* 25(2). 217-234.
- Lang, Jürgen. 2017. António Joaquim Ribeiro – O primeiro informante de Schuchardt em Cabo Verde. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* 7. 1-14.
- Leiria, Isabel. 2004. Português língua segunda e língua estrangeira: Investigação e ensino. *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLNM* 3 (Centro Virtual Camões). 1-11.
- Lopes, Amália. 2011. *As línguas de Cabo Verde: Uma radiografia sociolinguística*. Lisboa: Universidade de Lisboa, dissertação de doutoramento.
- Mufwene, Salikoko. 2010. ‘Protolanguage’ and the evolution of linguistic theory. In Z. Shen *et al.* (eds.), *Festschrift for William Wang*, 283-310. Shanghai: Jiaoyu Chubanshe – Education Press.
- Quint, Nicolas. 2008. *L'Élément Africain dans la Langue Capverdienne // Africanismos na Língua Caboverdiana*. Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas. 2009. As formas divergentes em cabo-verdiano santiaguense. In Ana M. Carvalho (ed.), *Português em contato*, 67-85. Madrid: Iberoamericana Vervuert.
- Schuchardt, Hugo. 1887. O creôlo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o creôlo das ilhas de Cabo Verde, oferecidos ao dr. Hugo Schuchardt. *Literaturblatt für Germanische und Romanische Philologie* 8. 132-141.
- Schuchardt, Hugo. 1888. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden. *Zeitschrift für Romanische Philologie* 12. 312-322.
- Schuchardt, Hugo. 1914. *Die Sprache der Saramakkaneger in Surinam*. Amsterdam: Johannes Müller.
- Seibert, Gerhard. 2014. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Divergências históricas e identitárias. *Afro-Ásia* 49. 41-70.
- Semedo, Eliane, Márluce Coan & Nicolas Quint. 2017. Orações completivas em cabo-verdiano. *PAPIA* 27(2). 367-384.

Veenstra, Tonjes. 2008. Creole genesis: The impact of the language bioprogram hypothesis. In Silvia Kouwenberg & John V. Singler (eds.), *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, 219-241. Oxford: Blackwell.

## ANEXO I

### Peça de teatro e respetiva tradução de António Joaquim Ribeiro

#### Edições diplomáticas da autoria de N. Alexandre e J. Lang

(a partir do original de A. J. Ribeiro)

#### A mi qué bóde!

Scena-comica em creoulo, por António Joaq<sup>m</sup> Ribeiro.  
Personagem unico, Banda Marál da Costa.  
Scena - deserta; - (Banda entrando com umas anducas ás cóstas).  
Bé! jham árâ cô cábo! (ao ponto)  
é nhô: - é câ lí qué cássa di sarador?  
(ponto) - Aqui é o teatro. - Ná nha mái, a mi jham móre! na jhobe nha ásno quim pô na quintalona di sarâdor, un ben da lí na triato! Ês só pâ... pa-xenxa! Más tudo mori, jha qui jham stâ li, al ser só un bá, un bá jhobe, pó quim bá fase, pan sabe mó quem ta flâ di cusa qui brancos ta fassê li.  
Spera; ûn dado un dinheros p'ûn pôcos di racomenda, un tâ jhobe se jha sobexam algun, ûn ta cúmprâ vilgete pan canba, pan spia. (assentando-se no chão, e tirando daz anducas um lenço amarrado, com dinheiro, nas 4 pontas) - Ês li ê di nha courá.  
Tâtaxa, pan cumprál quato lôro linha'l renda pá cróxeta; un bárra de nas-

#### Tradução (1)

#### Eu sou um valentão<sup>(2)</sup>!

Personagem - Domingos Pedro da Costa  
Scena - deserta; - Domingos entra com umas anducas<sup>(3)</sup> ás costaz.  
Mau! Enganei-me com o sitio! (dirigindo-se ao ponto) Ó senhor: não é aqui a casa do serrador<sup>(4)</sup>? (ponto)  
Aqui é o teatro. Ai! mãi santíssima! Estou morto! procurando o meu burro que deixei no quintal do serrador, vim ter ao teatro! Ora esta!... Paciencia! Mas emfim, já que aqui estou, é necessario que entre e veja o que cá fazem, para depois contar, quando fôr pa fóra, o que os brancos aqui fazem.  
Espera, deram-me uns dinheiros para comprar umas encomendas, vou ver, se me sobejar algum, compro um bilhete, entro e vejo (assentando-se no chão, e tirando das anducas um lenço amarrado com dinheiro nas 4 pontas)<sup>(5)</sup> - Este é de minha comadre anastacia, para lhe comprar 4 novelos de linha para crochet; uma vara de nastro de 10 réis; 10 réis d'al-

tro di déres; déres d'alfinete, cém dé  
 rés di... ah ah!... ês li un ca len-  
 bra pâ cussé!... ah! nha guente...  
 ah! jham lembra góra; é pan cum-  
 pral zabóla pâ tenpra; . paxen-  
 xa; alí câ sobra nada! (desamar-  
 rando outra) - ês li ê di nho padre  
 qui dan pan cumpral binho; alí  
 en câ ta buli nem pa mecinha!  
 (desamarrando outra) ês li... (fal-  
 ando com sigo mesmo) má nha  
 guente; ês li ca dreto; sin tra dinherro  
 pan cumpra vilgete, ta parcê ma  
 qui jhan furta, e quel ca pôde ser;  
 não; un tâ jhobe xaxo, por qui fla-  
 do m'el qué dono'l traito, un tâ flal  
 pê dexan ojha, ê ta dêrea por qui  
 hómi é mutto fajhado flado; (olhan-  
 do para o publico) Bé! forte guente  
 chen! ómi ês nem na grexa! (ti-  
 rando o chapéu) Nhoris purdan;  
 en câ sabe si nhoris 'staba li, poris,  
 quin ca flaba nhos mantenha (cur-  
 vando-se e levando a mão ao nariz)  
 mas sioris passa? Comodado, loba-  
 do dexa nhôr Des! mâ sioris ta pas-  
 sa?... nha mujher qui ta passa cu  
 grexa; ê tenêba dôr na pontáda cu-  
 petaêra, mas jha stâ mijhor. Nhôs  
 c'ojham nho Xaxo li?... (fallando  
 com sigo mesmo) Ês câ tâ cudi; (ao  
 publico) Bé! ca nhos ta disdan-  
 gú alguem; ê câ dreto! (áparte)  
 Ben ba es ca ta 'ntede creolo? Un  
 ta papia portuguez cu ellez. (querendo  
 fallar portuguez) Eu perguntaba  
 sioris, si sioris não ojâ nho  
 Lixandro, qui sou dono di li (em  
 tom saccudido) Nhos ca cre cudi?

finetez, e dez réis de... de... ora esta!  
 este não me lembra para que é! En-  
 tão ein?... ah! já me lembra; é pa-  
 ra cebolas<sup>(6)</sup>; - paciencia; aqui não so-  
 bra nada! (desamarrando outro).  
 êste é do senhor padre para lhe com-  
 prar vinho; aqui não moro eu por  
 couza nenhuma! (desamarrando outro).  
 este... (fallando com sigo mesmo)  
 mas... isto não é licito; se tirar di-  
 nheiro para comprar o bilhete, pa-  
 rece que roubei, e isso não é bonito;  
 procuro o Alexandre, por que dizem  
 ser elle o dono do theatro, peço-lhe pa-  
 ra me deixar ver, e elle deixa porque  
 é muito bom homem, segundo dizem;  
 (fallando para o publico). Olá! que  
 quantidade de gente! homem, isto  
 nem na igreja! (tirando o chapéu)  
 Os senhores perdoem; não sabia se  
 os senhores aqui estavam, por isso  
 os não cumprimentei; (curvando-se  
 e levando a mão ao nariz<sup>(7)</sup>). Meus  
 senhores, como passam? - Bem, lou-  
 vado seja Deus! Como teem passa-  
 do?... minha mulher tem passa-  
 do incomodada; tinha uma pe-  
 lada, e uma catharreira, mas está  
 melhor! Não me viam por aqui  
 Dr. Alexandre?... (fallando com  
 sigo mesmo) Não respondem; (ao  
 publico) Não desprezem ninguem;  
 não é bonito! (á parte) Não enten-  
 derão creoulo? vou-lhes fallar  
 portuguez<sup>(8)</sup> Eu perguntava-lhes se  
 os Sr.<sup>s</sup> não viram o Dr. Alexandre,  
 dono d'aqui. (em tom saccudido)  
 Não querem responder? Pais dei-  
 xem estar; visto que os Sr.s homens

Pôs nhos dexa star; sevito que nhoz  
 óme é mufino, un ta roga quel  
 nháras bâ, (apontando para os Ca-  
 marotez) pâ dexam canba junto  
 cu ellis, nem que só pan tenedez ca-  
 ballo, ó ques ben montado; (ás se-  
 nhoras, querendo outra vez fallar  
 portuguez) móde! sioras não de-  
 xan-mí cambri junto co sioras,  
 pâ sirbin de criado? si dexam  
 dizeste; si não... vai ojham si mí,  
 por que subiste riba dês pedra li,  
 (apontando para a cupula do pon-  
 to) mijhor mé é quel quin ta  
 fasse, pan câ sa ta roga ês nhas  
 babos qui sta só ta disdangu  
 alguen! (querendo d'anducaz ás  
 costaz encarrapitar-se na cupula  
 do ponto) ali ûn thaja dreto!  
 (o repente da orchestra levanta-  
 se, e empunha a batuta; Domin-  
 gos salta para traz, e grita:)  
 Ei! Câ nho dajhe na mí! Sé  
 câ pa bia de plicia que sta  
 la si, un ta mostraba nho!  
 Ah canajha! Pa ês qui fóra é  
 sabe.

—Couplet—

Couplet - musica indigena (ba-  
 tuque)

Lâ fóra mi qué pó grande  
 quel qui ta flado gabon;  
 tudo alguen quin dá cu pó,  
 al cai séco na chon!

Bóde, é só mi qui choma;  
 dento di nha freguessia,

são maus, vou rogar aquellas se-  
 nhoras, (apontando para os camaro-  
 tes) para me deixarem entrar com  
 ellas, ainda que seja só para lhes  
 segurar os cavallos quando vierem  
 montadaz (ás senhoras, querendo  
 outra vez fallar portuguez) então!  
 As senhoras não me deixam entrar  
 com sigo para lhes servir de creado?  
 se deixam digam, se não... vou  
 ver da mesma forma, porque su-  
 bo para esta pedra (apontando  
 para a cupula do ponto) e vejo  
 tudo! (zangado) o melhor é  
 fazer esto mesmo para não est-  
 tar a pedir a estez *nhanbabos*<sup>(9)</sup>  
 que não fazem cazo da gente! (que-  
 rendo d'anducas ás costaz encarra-  
 pitar-se na cupula do ponto)  
 aqui vejo bem! (o repente da or-  
 chesta levanta-se, empunha a  
 batuta; Domingos salta para  
 traz e grita:) Olá! não me ba-  
 ta! Se não fosse por cauza da  
 policia que alí está, eu o ar-  
 ranjaria! Oh! meu Deus!  
 Por cauza disto é que o interior  
 é bom.

Couplet (musica do batuque)

Lá fóra ninguem me torce,  
 só eu sou o valentão;  
 sejago o pau com alguem,  
 vai-me de ventz ao chão.

Valente, só eu o sou!  
 lá na minha freguezia  
 não ha branco nem ha preto,

ca ten branco ca ten preto,  
qui ta faltan cortessia!  
(Declamando) Asi! Asi!... riba  
nha guente! chabêta! (batendo  
com as mãos nas pernas) chabe-  
ta nha guente! chabêta sta di  
bagae! (Depois de pequena pau-  
sa, e dando um pulo) Já pó, ‘a  
mi qué bóde!... (a orchestra cala-se)  
An?! nhos câ sâ tâ sigui cu ba-  
tuque?... anton si nhos ca ta si-  
gui, nhos flân, por qui ta dura, ta  
noti, e fican racommenda chon  
den cumpra! - Mas... un c’al  
bai, sen fla nhos punde quim mo-  
ra, porqui nen qui nhos ca fassem  
sabi na ca crê deream camba triato,  
pan olha, sempre o qui nhos passa  
la un ta fasse nhos mas sabi qui  
nhos nhos fassem. A mí un cho-  
ma Dimingo, mas tudo alguen con-  
chem, pâ Banda Marral da Costa,  
bóde di robera di — Burme-  
jho, cabo qui tem móças fajhado  
tó qui nhor Dês fla jha bem! an... an!...

(Couplet - a mesma musica)

Mas já qui jân sa ta bai,  
sen sabê c’ó quin tén li,  
Nhos fasse quin passa sabi,  
Pan ten móde torna buli.

Fim.

que me não dê senhoria!  
(Declamando) Bravo! assim!  
acompanhem! (batendo com as  
mãos nas pernas<sup>(10)</sup>. Acompa-  
nhem! acompanhem melhor! (de-  
pois a pequena pausa e dando um  
pulo) Bravo! Eu é que sou um va-  
lentão! (a orchestra cala-se) Olá!  
Vosses não querem continuar com o  
bataque? se não querem digam,  
porque se faz tarde, e tenho mui-  
taz encomendaz a comprar! -  
Mas... não me vou sem lhes di-  
zer ande móro, porque, embora me  
não tratassem muito bem, por me  
não deixarem ir ver o teatro, sem-  
pre lhes direi que serei melhor para  
com os senhores. Eu chamome  
Domingos; mas todos me conhecem  
por Banda Maral da Costa, o va-  
çentão da Ribeira de Pico Verme-  
lho, citio aonde ha as melhorez  
moças que Deus deitou ao mundo!  
É verdade!

Couplet - (a mesma musica)

Mas já que me retiro  
sem saber quando voltar  
não me deixem descontente  
por estal-os a massar!

Fim.

[4]

- (1) A tradução é mais ao pé da  
letra possível, para facilitar-lhe  
a leitura, e por isso, “mau  
portuguez”.
- (2) Bóde, que em crioulo é o macho da  
cabra, significa também - valente

- (3) Anducas - especie de alforgez, de couro cru, aonde os indigenaz carregam as suas cargaz nos jumentos.
- (4) Appellido d'um homem que arrecada os animais, mediante uma retribuição, dos individuos que sabem fazer negocio.
- (5) Quando trazem dinheiro de diversos, não o juntam; amarram-no em separado.
- (6) Para mostrar a insignificancia daz encomendaz de que se encarregam.
- (7) Para cumprimentar, curvam-se, tocam as pontas dos dedos, com a mão coberta, e levam-na depois ao nariz —
- (8) Quando querem fallar portuguez fazem uma algaraviada que não é nem creoulo nem portuguez, e que custa mais a entender do que o proprio creoulo.
- (9) *Nhanbabas* - é o nome que dão aos brancos, quando querem deprecial-os
- (10) O *batuque*, divertimento indigena, tem por musica a viola de cordaz, e por acompanhamento o bater compassado daz mãos dos circunstantez nas pernaz, emquanto que uma mulher no meio d'ellez, faz o que elles chama torno, e que é a couza mais immoral que dar-se pode.